



CONEXÃO UNIFAMETRO 2020

XVI SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645

REFLEXÕES ACERCA DA SAÚDE MENTAL A PARTIR DA INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA E SEXUALIDADE: NARRATIVA DE UM YOUTUBER

Anderson Moraes Pires

Centro Universitário Estácio do Ceará

andeersonpires@gmail.com

Título da Sessão Temática: Processo de Cuidar

Evento: VIII Encontro de Iniciação à Pesquisa

Introdução: Historicamente, as pessoas negras foram posicionadas em lugares de não-existências, de não-direitos, e, portanto, não-subjetividade (FANON, 2008). De acordo com Kilomba (2010) e Veiga (2018), o processo colonizador fez com que as pessoas negras se tornassem a representação mental daquilo que o sujeito branco não quer ser e definiu os homens-brancos-cis-héteros como referência. Dessa forma, foram estabelecidos comportamentos e subjetividades normativas, afastando os homossexuais negros do direito à existência. **Objetivos:** Assim, o objetivo deste trabalho é discutir acerca da saúde mental a partir da interseccionalidade entre raça e sexualidade com base na narrativa de história de vida disponível no vídeo “Ser Negro e Gay no Brasil: um recorte sobre (R)existir”, publicado no canal do YouTube “Guardei no armário”. **Métodos:** Este trabalho apresenta caráter qualitativo, destacando os aspectos subjetivos, que utilizou a metodologia das narrativas de histórias de vida (LIMA, 2014), com suporte da metodologia netnográfica (KOZINETS, 2014), a partir de um vídeo publicado no YouTube. A escolha por analisar materiais publicados no YouTube se dá pelo potencial de influência de conteúdos em formatos de vídeos. Como critério de seleção foi definido: a) vídeo em português; b) disponibilizado no YouTube em modo público; c) narrativa de uma pessoa negra; e, d) narrativa de uma pessoa que se autodeclara homossexual. A coleta de dados foi realizada entre os dias 3 e 5 de outubro de 2020. Para análise foi considerado os aspectos históricos, sociais e culturais identificados na narrativa. Por se tratar de um trabalho que utiliza a metodologia netnográfica, ou etnografia virtual, não houve necessidade de submeter ao Comitê de Ética em Pesquisas. No entanto, assegura-se posição ética e respeitosa, e que não houve violação dos direitos humanos. **Resultados:** O vídeo selecionado foi publicado no dia 20 de novembro de 2020, no canal “Guardei No Armário”, com duração de 11 minutos e 36 segundos, e até o último dia de

coleta de dados totalizava 5.956 visualizações e 24 comentários públicos. A partir da narrativa, verificou-se que há a percepção, ainda na infância, que existem diferenças entre pessoas brancas e pessoas pretas, não no sentido biológico e/ou físico, porém no âmbito social. O autor fez a seguinte provocação: “Quando você não nasce privilegiado, quando sua sexualidade não é vista como “normal”, quando sua cor não é a mais aceita, como vencer?”, o que se pode compreender que esse jovem está atento às “categorias” sociais, raça e sexualidade, que podem interferir em suas dinâmicas com as outras pessoas e instituições. Além disso, apresenta-se que o medo de uma pessoa homossexual é perder o amor da família e das(es/os) amigas(ues/os) devido a orientação sexual. O narrador fala da experiência da solidão que o acompanhou por muito tempo, e do medo da possibilidade de viver uma solidão, que, de um modo geral, o levou a ter pensamentos de que seria melhor morrer a viver em condições de não-amor. Como estratégias de enfrentamento, o jovem começou a escrever para seu *blog*, e posteriormente expandiu suas narrativas para o YouTube e publicou narrativas autobiográficas em seu livro intitulado “Guardei no armário”. Para que isto fosse preciso foi necessário o apoio familiar e relação com outras pessoas negras e LGBTQIA+.

Conclusão/Considerações finais: Considerou-se que as relações sociais do indivíduo no processo de identificação e reconhecimento da sexualidade foram orientadoras para processos de adoecimento, visto que as exclusões tinham e ainda têm caráter discriminatório, e que só teve outro direcionamento quando tomou consciência e estabeleceu práticas que favoreceram a promoção de saúde mental. No entanto, isso não significa, por exemplo, que o jovem não sofre mais racismo e/ou homofobia, mas sim que tem recursos externos e internos mais favoráveis.

Referências:

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2010.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

LIMA, Alúcio Ferreira de. **História Oral e Narrativas de Histórias de Vida: a vida dos Outros**



CONEXÃO UNIFAMETRO 2020

XVI SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645

como material de pesquisa. In: LIMA, Aluísio Ferreira de; LARA JUNIOR, Nadir. (Orgs.). **Metodologias de Pesquisa em Psicologia Social Crítica**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018.

Palavras-chave: Saúde mental; Homossexual negro; Interseccionalidade.